



REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

Proprietario, director e editor

MICHEL'ANGELO LAMBERTINI

Redacção e administração

Praça dos Restauradores, 62 a 68

Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial

Praça dos Restauradores, 24

SUMMARIO: Paul Dupin — Um guitarreiro do sec. xv — Carta de Rey Colaço — A «Brabançonne»
— Concertos — Noticiário — Necrologia

Paul Dupin

A vida d'este audaz innovador é das mais estranhas e dolorosas que se tem inscripto na historia da nossa arte.

Nascido em Roubaix, em 1865, descende pelo lado materno de quatro gerações de mestres de capella allemães, os Schmidt de Buckeburg, na Westphalia. O pae, bretão de origem, foi tentar fortuna a Roubaix no negocio de tecidos, mas mal dotado para a vida commercial, não tardou em arruinar-se. A' ruina financeira succedeu a ruina physica, pois ficou paralytico aos 47 annos e arrastou uma existencia dolorosa e improductiva até 1873, data da sua morte.

Orphão aos 8 annos, o pequeno Paulo mostrou-se rebelde ao ensino musical, que lhe era ministrado pela mãe, excellente artista que se havia dedicado ao professorado do piano para sustentar a familia. Havia no entan-

to, no fundo da sua alma de creança, uma extranha sensibilidade artistica que mais tarde se havia de desenvolver victoriosamente.

Um accidente grave porém ia pondo em risco essa fina e vibratil organisação. Aos doze annos, por effeito de uma estúpida brincadeira de um seu companheiro de collegio, Paul Dupin ensurdeceu. Essa surdez

era acompanhada de allucinações terribes, em que a musica tinha sempre um papel, como unica consoladora da miseria physica.

Dolorosas operações, que lhe foram feitas em Gand, restituiram-lhe o ouvido e alliviarão-o do seu mal. Ficou-lhe comtudo esse habito moral do isolamento, tão caracteristico dos surdos, e a febre da musica, que o corroia interiormente.

Apezar d'isso, Paul Dupin não se dedicou desde logo á musica. Aconse-

lhado pela familia a seguir a carreira da engenharia mechanica, matriculou-se nas Arts et Métiers, de Tournai, quando contava 17 annos.



Paul Dupin

Finalmente, quando em 1886, depois de mezes e annos d'angustias, d'insomnias, de pesadelos de musica, se convenceu de que a *doença musical* era incuravel, e de que tinha de ceder-lhe ou endoidecer — encontrava-se á testa d'uma das mais importantes officinas metallurgicas de Tournai. Estimavam-o immenso, tudo parecia correr á medida das suas aspirações. Abandonou tudo.

Encontrava-se com 22 annos, sem saber uma nota de musica e com as algibeiras vazias. Foi para Paris.

A muito custo conseguiu receber lições de Emile Durand, mas ao cabo de pouco tempo não houve meio de se entender com o severo e consciencioso professor.

Em 1888, Dupin foi pela primeira vez a um theatro. Foi ouvir a *Walkiria* a Bruxellas. Voltou com a cabeça perdida e, ouvindo dizer a Durand que «Wagner era a negação da musica e Rossini o unico Deus», rompeu de todo e não quiz mais lições.

Estava tambem de mal com a familia, que lhe não perdoava o abandono da sua primeira carreira.

Em 1889, gravemente doente, lembrou-se de casar. Então, começou a miseria e a luta de todos os dias para angariar um pedaço de pão para elle e para os seus. Copias de musica, transportes, methodos de bandolim, retoques de photographia, agencia de annuncios em revistas, emendas em trabalhos d'amadores, de tudo lançou mão para não sossobrar de todo.

Exgotado por toda a casta de privações e humilhações, avassalou-o de 1893 a 1895 uma grave doença nervosa. Todos e tudo o haviam abandonado; familia, saude e esperança.

E' d'essa epoca dolorosa que datam algumas das suas mais bellas melodias. Em 1894 haviam-lhe conseguido um modesto logar em uma das companhias de caminhos de ferro francezas. Assumiu esse logar como um recurso, sem a menor intenção de lá se conservar. Mas a cadeia apertava-se de dia para dia e era preciso viver e fazer viver aquelles que amava — a mulher e a filhinha.

Assim, conservou-se durante muito tempo n'essa Companhia e suppomos que ainda lá se encontra hoje, mas desempenhando um logar superior, que lhe deixa vagas para se occupar da sua arte predilecta.

Antes porém de obter uma situação condigna, muitas vezes se viu forçado a notar as suas inspirações musicas escondido atraz de uma velha locomotiva, ou á chuva entre ferragens velhas, evitando por todos os modos de ser descoberto pelos superiores.

A odyssea d'esses annos, conta-a Romain Rolland em um eloquente artigo d'onde extractamos algumas d'estas notas, e que define bem os horrores por que passou o notavel artista n'esse periodo tormentoso da sua vida.

Quanto ás suas composições, á sua *Marcelle*, e sobretudo ás suas admiraveis melodias vocaes, seria preciso um volume para as analysar. Contentar-nos-hemos em repetir o que d'ellas disse o illustre critico francez, Jean Huré: — «Cet ignorant sait tout ce qu'il faut pour écrire des lieder parfaits». E é ainda a proposito d'esses *lieder* que o mesino Huré nos diz que poucas produções musicas os igualam, nenhuma se lhes avanta em emoção e encanto e poucas em pura belleza.

A conclusão do artigo «*Industria Instrumental Portuguesa*» sahirá no proximo numero.

Curiosidades musicas

2.^a SERIE

I

Um guitarreiro do XV seculo

Antes de apresentar a seguinte nota, ha muito prometida ao illustre Director deste interessante periodico, — e que pelo extravio do apontamento relativo ao principal documento deste estudinho só agora pôde ter realização — devo explicar os motivos porque adoptei, para algumas noticias já colhidas, e outras que por ventura possa ainda colher concernentes á especialidade desta revista, o titulo já consagrado pelo meu saudoso amigo Sousa Viterbo para as suas noticias a ella referentes, em que tive a satisfação de o auxiliar quanto em mim coube.

Não sabendo sob que designação abrigaria os meus singelos apontamentos, veio a fatalidade incumbir-se de cortar o fio que o meu pobre amigo ia deduzindo quasi dia a dia com paciencia e sagacidade.

Auxiliando-o durante sete a oito anos com varias pesquisas e copias, e nos ultimos tres ou quatro com uma especie de colaboração efectiva em todas as suas lucubrações literarias, e repetindo-me elle constantemente: — «se eu morrer, como de-

sejo, V. promete-me acabar com isto», como tenho feito, intendi que seria a mais grata homenagem à sua memoria, seguir a pista por elle lustrada sob o mesmo moto ou devisa, embora se reconheça a fraqueza do pulso, que empunha as redeas cahidas da mão gelada do cansado e extinto luctador.

Eis a minha explicação e o preito que nella vai envolto, espero seja reconhecido e aceito como tributo de admiração e saudade do mais devotado e familiar amigo dos ultimos annos da vida de Sousa Viterbo.

Dada esta satisfação, vamos ao meu conto.

* * *

Quaes fossem os instrumentos usados no nosso paiz desde o principio da sua constituição até o xv seculo, não será facil dizer. Nem nos occuparemos dessa averiguação.

Que havia uma capela real é certo, e que existindo ella, necessariamente havia compor-se de musicos tambem é negavel, mas como era organizada não sabemos. Conhecemos alguns cantores, mas falta-nos o conhecimento dos instrumentos que se empregavam para formar a harmonia.

Pelo que se lê no precioso *Leal Concelheiro*, d'el-rei D. Duarte, é licito afirmar que havia naquella instrumentos de corda, pois a isto alude o sabio monarca em mais de um trecho do seu curioso livro, mas para sabermos quaes fossem seria talvez necessario recorrer á organização das corporações similares d'outros paizes, o que nos levaria longe, e seria descabido aqui. Podemos apenas conjecturar por factos posteriores, vendo quasi todas as igrejas providas de órgãos, alguns até portateis, e em algumas dellas constatando-se a existencia da harpa, que os havia.

Isto, porém, não nos explica de que instrumentos se servia o povo nos seus desenfadamentos e folgares.

Talvez se possa ir procurar alguma elucidação relativa a este ponto, nas duas correntes artisticas que naturalmente vieram exercer a sua influencia no nosso meio assaz rude: a do Sul pelos muçulmanos, cuja cultura e artes tamanho desenvolvimento e esplendor tomaram na península iberica; a do Norte vinda com os trovadores, menestres e jograes, que, de certo assim como influiram na poesia, deviam egualmente influir na arte sua irmã, a musica.

Daqui porém, a fazer affirmações positivas vae grande distancia, e eu só me

atreveria a assegurar factos, fundado em documentos irrefragaveis.

O que se póde dizer sem receio de errar é que no nosso paiz ha dois instrumentos verdadeiramente popularisados: a viola ou violão e a guitarra. Aquella muito vulgarizada no Norte, pelos seus dois centros de produção Coimbra e Braga; a segunda mais do Sul, pelo seu principal foco de construcção, Lisboa.

Nos meados do seculo passado foi a guitarra caminhando para o Norte, e já ha muito que os dois instrumentos se tocam, com mais ou menos desenvolvimento em toda a parte.

Desde quando, porém se tocam é ponto duvidoso. Não iremos subindo de degrau em degrau, de seculo em seculo para ir encontrando provas do seu uso. Galgemos de um pulo aos principios do seculo xvi, sem receio de queda, e firmemo-nos na auctoridade do nosso impagavel Gil Vicente.

Ahi por 1505 representava-se a sua farsa *Quem tem farelos*, cuja rubrica diz o seguinte: *é o seu argumento que um escudeiro mancebo, tangia viola*, etc. Era pois a viola instrumento muito conhecido e não era recente o seu uso.

Cincoenta annos antes a 27 de junho de 1455 passava D. Affonso V uma carta de perdão a favor de Henrique Froes, creado de João Vaz d'Almada, que indo em Evora uma noite depois das onze horas com outros tocando uma viola; tivera um desaguisado com a auctoridade local ⁽¹⁾, o que prova já um uso muito vulgar d'este instrumento.

Se por este facto podemos conhecer o uso popular da viola, outros documentos nos mostram que não era inferior o uso da guitarra.

Percorrendo o vasto cartorio do convento de S. Domingos de Lisboa deparou-se-me com surpresa e gosto a noticia de um guitarreiro do principio do seculo xv.

Esse artista que deixou vinculada a sua qualidade e que até assumia a dignidade de vassalo d'El-Rei, era MARTIM VASQUES COELHO, decano dos nossos constructores d'instrumentos conhecido.

Aos dez d'abril de 1424 encampava Diogo Martinz, corretor, morador em Lisboa *«uma herdade de pão que ha dentro dos muros da cidade a par de Santa Maria da Escada que parte com herdade que trage Martin Vasques, guitarreiro e com João da*

(1) — Torre do Tombo, Chancel. de D. Affonso V, liv. 15, fol. 78 v.º.

Feira, etc., que trazia em vida de tres pessoas.

Isto, que foi uma revelação, não me satisfiz cabalmente; e, continuando as minhas pesquisas, foi a minha impertinente curiosidade completamente satisfeita.

Em 1449 a tres de dezembro aforava o dito mosteiro a *Martim Vasques*, vassalo d'El-Rei e a sua mulher Branca Gomes uma herdade e oliveiras e casas de morada em frente de Santa Maria da Escada, pelo foro e pensão de um cantaro de azeite, cem reaes brancos de trinta e cinco libras cada um, e um par de boas galinhas.

Em uma sentença de trinta de julho de 1461 sobre uma questão entre o mosteiro e Isabel d'Almeida beguina, por causa de uma terra que esta trazia do mosteiro, também se mencionam entre as confrontações, as casas que soia trazer emprasadas *Martim Vasques, guitarreiro*.

Em outra sentença do mesmo dia e anno sobre uma questão que o mosteiro trazia com Catharina Lourenço, também beguina, por causa de outra terra que ella trazia aforada do mosteiro, se menciona entre as confrontações um olival com suas casas que soia trazer *Martim Vasques, guitarreiro*.

Até aqui, salvo o aforamento de 1449 que pela sua extensão não dei na integra são referencias que confirmam a existencia do *guitarreiro Martim Vasques*; darei agora quasi completo o instrumento porque elle vende ao mosteiro de S. Domingos as propriedades que do mesmo trazia emprasadas.

«Em nome de Deus amen Saibham os que esta carta de venda virem que no ano do nascimento de Nosso Senhor Jhu x.^o de myll quatroçentos e sasente e dous anno tres dias do mez dagosto em a cidade de lixboa dentro da casa do cabido do honrado mosteiro de sam domingos. Seendo hi presentes os honrados e discretos religiosos — a saber — meestre martinho portachousa prior do dito mosteiro e meestre martinho de lixboa, e o leçenciado ffrey luys e o bacharell-frey gill e o doutor frey Joham de Villanova, e o doutor frey Joham de sam nicolaa, e o doutor frei afonso dalfama e o doutor frey Joham fernandez, e o doutor frey afonso de palmella e outros fraires do dito mosteyro todos juntos em cabido per conprou tanyuda segundo o seu costume: perante elles e em o dito cabido parecerom *martim vasques coelho guytarreiro* e branca gomes sua molher moradores em a dita cidade acerca do dito mosteyro, e logo por os sobreditos *Martim Vasques* e sua molher

ffoy dito que assi era verdade que elles traziam demprazameuto do dito mosteiro e convento em suas vidas delles anbos e doutra pessoa qual o derradeiro delles nomeasse, hum assentamento de cassas em que ora elles mōram, com outras duas moradas que som paredemenos (*sic*) que elles trazem alugadas e mais outra casa pequena, que esta apartada, junto com outras casas do dito mosteiro que ora traz Ines martins, e mais hum oljual e suas portenças que som junto com o dito mosteiro, que partem de todallas partes com adro e oliual e herdamento do dito mosteiro e convento e esto por certo fflo e pensom que por ello eram e som obrigados de pagar em cada hum ano ao dito mosteiro e convento, segundo mais compridamente era contheudo em o contrauto do dito emprazamento que logo hi foi apresentado. E ora elles ditos *Martim Vaasques* e sua molher disserom que elles queriam vender as ditas casas e suas duas vidas e da outra pessoa derradeira que auyam de nomear e eso mesmo todo o direito que elles avyam e tinham em o dito asentamento de casas e moradas e oljual suso declarado assy compridamente como o elles traziam do dito mosteiro e convento, A quall venda elles nom podiam ffazer sem outorgamento e consentjmento do dito prior e padres e convento do dito mosteiro e que porem elles requeriam ao dito prior e padres que lhes dessem sua autoridade e consentimento para o poderem vender a huma pessoa que lhes por tode daua de compra dez myll reaes brancos em salvo da sissa. E que porem elles requeriam sse o queriam aver pello dito preço tanto portanto pera o dito mosteiro e convento quanto lhes davam por compra de todo o que dito he E o dito prior e padres disseram que elles em seus nomes e do dito mosteiro e convento lhes prazia de o averem para o dito mosteiro e convento por a dita conthia dos ditos dez mil reaes brancos quanto lhes outrem por ello dava de compra, etc., etc. etc.

Podemos talvez conjecturar que esta ultima resolução seria o prenuncio da sua despedida deste mundo. Já em em 1424 elle era conhecido como artista da sua especialidade, e quarenta a cincoenta anos a fazer guitarras davam-lhe direito a um descanso glorioso, deixando atraz de si uma reputação duradoira.

Efectivamente assim se conservou muitos annos.

Em uma sentença de dez de julho de 1479 sobre uma questão entre a Camara da cidade e o mosteiro de S. Domingos,

alegava este entre outras coisas que tinha uma grande terra com pedreiras e com oliveiras e casas a cerca do mesmo mosteiro que parte com o muro do concelho e corre de longo ataa os canos per u correm as aguas chovidiças e em fundo parte com adro do dito mosteiro e com *casas qae foram de Martim Vasquez, guitarreiro*.

Não param aqui as recordações do artista.

Em uma carta de vinte e oito de agosto de 1499 feita pelo mosteiro de renovação de emprazamento a Pero Vaz, criado de João Fogaça se diz que as casas partiam de uma parte com casas do conde d'Abranches, ora de seu filho D. Antão, e da outra com casas do mosteiro que foram *do guitarreiro*.¹

Não me levou a curiosidade mais longe, mas esta serie de documentos bastam para conservar a memoria de *Martim Vasques Coelho, o guitarreiro*.

Foi tardio o pagamento da minha promessa, mas as torturas que me causou o extravio de um apontamento e o trabalho que tive para encontrar o fio perdido ninguém mos pode pagar.

Paciencia e fortuna foram os meus auxiliares.

BRITO REBELLO.



Meu caro Lambertini:

Estou atrasado com o cumprimento da minha promessa.

Tenha paciencia! Ando com a rhetorica toda atravancada pela «Sonata a Kreutzer» e pela actividade pedagogica reanudada estes dias. Além d'isso, a guerra, a nefanda guerra, atrophia-me o espirito e ennegrece-me o moral. Sinto-me acabrunhado, desorientado. O que agora me vale, como em muitos outros tristes cazos da minha vida, é a lembrança do Liszt philosopho. Acade-me á memoria a sua consoladora phrase: «Tout n'est pas perdu tant qu'il y aura un piano!» e atiro-me a esse santo contrapezo que, no meu atribulado espirito, opponho á pavorosa «*Fräulein Bertha*». Bato .. bato, bato no marfim sem tregua nem piedade, como bateria nos autores d'esta medonha catastrophe que a todos nos attinge, que a todos nos afflige...

E depois, como permanecer insensivel ante a triste, fatal e inevitavel germano-

phobia que alastra por esta querida terra fidalga e hospitaleira?

— O quê? Devemos esquecer já para sempre o que a humanidade deve ao pensamento allemão, ao sentimento allemão? Não foi um Allemão de Bonn o autor da milagrosa 9.^a Symphonia? Alguem negará que o «Cravo bem temperado» de J. S. Bach constitue o Antigo Testamento do musico?

— Não é o proprio insigne mestre (vivo) francez, M. Vincent d'Indy quem declara no seu «Cours de Composition»: «As Sonatas de Beethoven, as suas 9 Symphonias e os 16 Quartettos de corda constituem um monumento incomparavel cujos inexgotaveis ensinamentos, de duração já secular e constante sinceridade, realizam, no mais alto grau de perfeição, no dominio da musica instrumental, as condições essenciaes da obra d'arte?»

Eu sou um pobre *Vandal*o, como todo o musico que se preze de ter bebido chá em pequeno, e a quantidade d'esse liquido já engulida foi grande de mais para ser lançada agora, de golpe, e só porque as circunstancias tristissimas que atravessamos m'o exijam.

Mais do que uma esquadilha de «Zepelins» sobre a minha cabeça aterra-me a ideia d'um *chauvinismo* de que o illustre mestre M. Saint Saëns está dando no «Echo de Paris» o deploravel exemplo, e, para o que tambem entre nós se nota uma inquietadora tendencia. Vejo approximar-se o dia em que (Jesus! credo! só d'o pensar sinto arrepios!) nos vamos ver obrigados a preferir uma «selection» sobre «Ali, à preta!» á «Fantasia chromatica» de Bach e qualquer fadinho da rua das Atafonas ás «Melodias» de Schubert!

Já houve quem se lembrasse de propôr, como obra escolhida para o presente anno lectivo do Conservatorio até uma peça do Rey Colaço! — Em Portugal, ás vezes, começa a posteridade muito cedo, e até chega a pedir-se adeantada, como as meçadas. Por minha parte, agradeço profundamente a generosa lembrança, mas prefiro que uma secular patina consagre as minhas elucubrações e passem amarelladas ás carinhosas mãos dos meus netos, do que as ver correr (agravadas com a alcunha de «sonatas» — estylo do nosso Conservatorio —) pelas ruas da Baixa, indo acabar depois os seus dias no Avellar Machado ou na Feira da Ladra.

Repito-o, meu caro amigo, para nos consolar d'estas attribuições todas, valha-nos o piano, o santo piano! Muitas horas lhe devo de recolhimento, de saudade e de conforto, quando de noute nas sombras rembran-

(¹) Torre do Tombo, Cartorio do Conv. de S. domin-
gos, liv. 20.

dtescas do meu canto, no socego do lar...
(e ao conchego das torradas) repito com
Desdemona:

«Oh! tu del mio dolor
dolce instrumento,
io ti riprendo ancora,
e unisco al mesto canto,
i sospiri d'Isaura
ed il mio pranto!»

Lisboa, 7 de Outubro 914.

ALEXANDRE REY COLAÇO.



OS HYMNOS

A «Brabançonne»

O hymno belga é, como a *Marselheza*, um canto revolucionario inspirado por determinadas circunstancias e foi improvisado por dois artistas do theatro da *Monnaie*, um francez outro belga. Tem a data da revolução de 1830, que originou a independencia da Belgica, a qual, como se sabe, estava reunida á Hollanda desde 1815.

Havia um actor francez, que fazia papeis de galan na *Monnail* (a esse tempo theatro dramatico e não lyrico como hoje é), chamado Jenneval ⁽¹⁾, que se dedicava á poesia, tendo mesmo publicado alguns estimaveis versos em varias collecções. Este Jenneval tomara partido pela revolução e tinha-se alistado em um corpo de voluntarios para combater a dominação hollandeza; tomou parte em varios recontros, encontrando a morte em 18 de setembro no contra-ataque de Lierre. Algumas semanas antes tinha escripto o texto da *Brabançonne*, que se chamou primeiro *Bruxelloise*, e que mandou imprimir a um livreiro de Bruxellas. No dia em que sahia do prelo a primeira prova, encontrava-se na livraria o cantor Campenhout, antigo tenor da *Monnaie*, que se havia retirado ha tres annos da vida lyrica, mas se tornara conhecido por numerosas composições vocaes. Lendo os versos do seu camarada e enthusiasmando-se com elles, levou consigo a prova para lhe fazer a musica, de modo a poder ser cantada na *Monnaie*, no dia da inaugura-

ção annual do theatro. Effectivamente, em 12 de Setembro, estando a sala repleta de um publico inflamado de ardor patrio, foi reclamada unanimemente a execução de um canto patriotico. Apresentou-se então o tenor Lafeuillade cantando a *Brabançonne*, cuja musica ainda não era conhecida senão por alguns amigos intimos dos auctores. Comprehende-se facilmente o enthusiasmo com que foi recebido o novo canto e a rapidez com que se espalhou em todo o territorio belga, não tardando a considerar-se como o verdadeiro hymno nacional.

Diz um escriptor belga que a *Brabançonne* nasceu, como todas as obras d'esse genero, em um momento de delirio popular, d'effervescencia patriotica; teve por berço uma barricada, por brinquedo a carabina tyrolesa dos caçadores voluntarios, e como facha infantil a bandeira tricolor, á qual um pouco mais tarde se substituiu a que em 1815 havia sido imposta pelas potencias do congresso de Vienna.

Sob o ponto de vista musical, Fétis classificou assim o hymno dos belgas:—«A revolução de setembro de 1830 forneceu a Van Campenhout a occasião de compôr o canto nacional conhecido pelo nome de *Brabançonne*, que lhe fez conquistar uma grande popularidade e lhe dará mais renome, no futuro, que todas as outras suas produções. Tem este hymno todas as qualidades precisas aos cantos d'esta natureza: franqueza, naturalidade e força rythmica. Arranjado para banda militar e para grande orchestra, constitue o elemento obrigado de todas as festas nacionaes da Belgica».

Jenneval, o auctor da poesia da *Brabançonne* tinha nascido em Lyon, em 29 de janeiro de 1801, e como já dissemos morreu em Lierre no campo da batalha. O compositor da musica, François Van Campenhout, nasceu em Bruxellas em 5 de fevereiro de 1779 (e não 1780, como diz Fétis) e morreu em 24 d'abril de 1848.



Para 22 do corrente prepara-se no Porto um grande concerto symphonico, sob a direcção de Raymundo de Macedo, e no qual tomará parte o pianista Vianna da Motta. Tocará este insigne artista o 1.º Concerto de Liszt, em *mi bemol*, com acompanhamento d'orchestra.

Consta-nos que no seu regresso á capital dará Vianna da Motta alguns concertos no theatro de S. Carlos, onde se executará tambem, sob a regencia de Pedro Blanch, a sua *Invocação dos Lusíadas* com coros e orchestra.

(1) O seu verdadeiro nome era Hypolito Luiz Alexandre Dechet.



Na *matinée* realisada a 8 do corrente no Eden Theatro tocou a orchestra, sob a direcção de Nicolino Milano, uma *Symphonia* de Mozart, o preludio da *Patria* de Keil, *Ronde d'amour* de Westerhout e *Marcha solemne* de Pierné.

Abrilantaram esse concerto os professores Alexandre Rey Colaço e Laureano Forsini, executando a *Sonata a Kreutzer*, e os conhecidos cantores Alfredo Mascarenhas e Helena G. Froment que apresentaram varios numeros acompanhados d'orchestra e coros.

Por falta de convite e por falta de tempo não nos foi possivel assistir a este concerto, que segundo nos consta foi concorridissimo.



Na lista que aqui publicamos das alumnas admitidas ao curso superior de piano no Conservatorio de Lisboa, faltou mencionar as meninas Eugénia Jacintho Diogo da Silva e Maria da Piedade Mello de Sá Nogueira.

Nas outras aulas, eis qual foi o resultado dos concursos.

VIOLINO

Admissão no curso superior: Aida Cruz Caldeira, Bertha Sanches de Noronha Barros, Henrique de Menezes Cabral, Hermínio José do Nascimento.

Premio no 2.º anno do curso superior. — Accacio José dos Santos.

VIOLONCELLO

Admissão ao curso superior. — Delphina Maria Cruz.

Premio no 6.º anno. — Alberto da Silva Martins.

CONTRAPONTO

Admissão a esse curso. — Armando Lopes, Lourenço Varella Junior.



A *Associação dos Musicos Portuguezes* publicou um manifesto, assignado pelo seu director, o distincto violoncellista Alvaro Raphael de Macedo e Santos, em que se protesta contra o procedimento de dois dos em prezarios lisboenses, que estão em desaccôrdo com a referida Associação, e se exhorta a trabalhadora classe dos musicos a conservar-se unida nas suas aspirações e na defeza dos seus direitos.

São optimos principios, que todos os interessados deviam considerar, lembrando-se de que a união e a solidariedade de uma classe são as melhores garantias de vida e de força que ella pôde ambicionar. E todos se devem convencer, em fim de contas, que n'um corpo colectivo o interesse de um é o interesse de todos. Se a organização d'esse corpo colectivo é defeituosa, sejam todos os interessados a remedial-a e modificá-la; se o não é, sujeitem-se todos aos seus dictames, visto que elles só podem tender ao progresso e ao bem-estar da classe, que são o progresso e o bem-estar de cada um dos seus membros.



O *Museu Instrumental*, cujo primeiro nucleo está sendo devotadamente organizado pelo director d'esta folha, continua a ser objecto de valiosas dadivas. Os ultimos donatarios e depositantes são os senhores:

LAURENTINO VERISSIMO

Um *cor'inglez* de fôrma curva, auctor F. Piana de Milão, que pertenceu ao distincto amador, sr. general Guedes Quinhones. (*Dep.*).

DR. JOSÉ DE FIGUEIREDO

Uma *matraca* usada nas egrejas durante a Semana Santa (*Off.*).

M. CARDOSO MARTHA

Um exemplar do «Theatro Ecclesiastico» de Fr. Domingos do Rosario (3.ª edição, 1758).

Retrato de D. João VI (*gravura*).

Gravura tendo por assumpto «David com harpa».

Gravura com o mesmo assumpto, antes da letra.

Auto-caricatura do distincto amador, sr. Dr. Isidro Aranha (*desenho á penna*).

Photographia de um grupo de alumnas de canto de M.^{me} Mantelli (*Off.*).

ALFREDO BORGES DA SILVA

44 bilhetes postaes illustrados, repres. as diversas officinas da fabrica C. G. Conn, de Elkhart, Indiana (instrumentos de metal) (*Off.*)

ARTHUR NOGUEIRA

Collecções de jornaes musicaes portuguezes. Programma antigo, poesias distribuidas nos theatros, bilhetes de concerto ou theatro, lytographia com o retrato de João Alberto Rodrigues da Costa (*Dep.*).

19 cartas e bilhetes autographos de varios artistas (*Off.*).

D. LAURA SAUVINET BANDEIRA

Um *violloncello* de pequeno formato (*Off.*)

ANTONIO SOLLER

Retratos de Jenny Lind, Marcos de Portugal, Thalberg e Tschaiowski. Programmas russos com composições do offerente. *Hymno á arte* de sua composição. Autographo musical e carta de Henri Herz (*Off.*).

* *

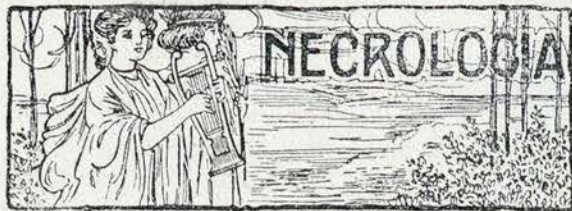
O visconde de S. Luiz de Braga está em tratativas com a empresa adjudicatária do theatro de S. Carlos para a realisação de recitas dramaticas, concertos, etc. no antigo theatro lirico.

Consta que n'elle se vão fazer obras mais ou menos importantes, com vista ao fim a que vae ser destinado. Façamos votos para que taes obras não alterem de modo algum as condições acusticas do theatro, ou quaesquer outras, que se tornem necessarias para a boa execução das *obras lyricas*, visto que para estas foi feito o theatro ha mais de um seculo, com ellas e por ellas tem vivido, e para esse genero d'exploração artistica é que elle tem de manter-se.

Achamos muito bem que o audacioso e intelligente empresario aproveite um theatro, que está forçada e provisoriamente vazio, para continuar os espectaculos, que o desastroso incendio do Republica veio infelizmente interromper. Pensemos comtudo que, no nosso paiz, o *provisorio* transforma-se insensivelmente em *definitivo*, e seria um verdadeiro vandalismo artistico se o nosso maximo theatro, enfeudado ao sr. visconde de S. Luiz de Braga, alienasse para sempre o seu verdadeiro destino.

As gloriosas tradições da nossa scena lyrica, por onde passaram triumphalmente

os primeiros vultos da arte mundial, constituem um dos poucos laços que nos prendiam á Europa culta, um dos poucos motivos talvez para nos conhecerem e considerarem lá fóra. Não o esqueçamos.



Com 74 annos d'idade e apoz uma digna e laboriosa carreira d'arte falleceu em 3 d'este mez a distincta professora d'harpa, sr.^a D. Josepha Martinez.

Havia sido durante muitos annos harpista do theatro de S. Carlos, onde por vezes se salientou pela perfeição technica do seu trabalho artistico, a que davam especial relevo a extrema modestia do seu porte e o encanto de uma phisionomia insinuante e sympathica. Ultimamente tinha cedido o logar a sua propria filha, harpista tambem de grande valor, e limitara-se ao ensino do seu instrumento, em que revelou qualidades muito valiosas. Era professora official do Conservatorio.



D. Josepha Martinez

Mad. Martinez, andaluza de nascimento, era viuva de José Carlos Martinez, conhecido empresario e professor de musica em Lisboa. A suas filhas e genros apresentamos a expressão da nossa sincera condolencia por tão grande perda.

* *

Em 5 falleceu o sr. Francisco Remartinez, outro artista hespanhol que ha annos se encontrava entre nós. Tomou parte nas orquestras dos theatros de S. Carlos de Lisboa e S. João do Porto, nas quaes era muito estimado e considerado.

A seu filho, que tem o mesmo nome e faz parte, como violinista, do sexteto do Salão Olympia, enviamos os mais sentidos peza-